



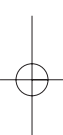
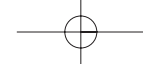
PARTE I

O Budismo
uma proximidade do Oriente
ecos, sintonias e permeabilidades
no pensamento português

coordenação de
PAULO BORGES e DUARTE DRUMOND BRAGA

Estudos







B U D I S M O

Introdução

No momento oportuno em que Sua Santidade o XIV Dalai Lama visita Portugal pela segunda vez, no refluxo de um movimento histórico que fez dos portugueses os primeiros ocidentais a chegarem ao Tibete, o presente volume é dedicado ao estudo da presença do Buda e do Budismo na cultura portuguesa. A sua possibilidade deve-se ao honroso convite a nós dirigido pelo Dr. Paulo Mendes Pinto, a quem publicamente agradecemos esta iniciativa que vem desvelar um horizonte inédito e para muitos imprevisível na cultura nacional.

Com um texto inicial que articula Budismo e Cristianismo, contextualizando muitas das questões a seguir abordadas, e sem pretensões de esgotar o âmbito de uma investigação só agora iniciada, os estudos aqui reunidos – embora sem cobrir todo o leque de épocas e autores possíveis e toda a extensa presença do tema na obra dos autores visados – bastam para mostrar a significativa presença da espiritualidade e da cultura budista no horizonte e no seio da cultura portuguesa, desde a Idade Média até à contemporaneidade, passando naturalmente pela época dos Descobrimentos. Quer sob a forma velada e implícita de figuras, temas e questões, quer mediante um explícito diálogo e interpretação críticos feitos de convergências e divergências, quer através de afinidades espontâneas independentes de influências, a experiência e o ensinamento do Buda, bem como a cultura sapiencial, filosófica e religiosa daí decorrente, marcam a cultura portuguesa como marcam

Paulo Borges

União Budista Portuguesa

PAULO BORGES

a cultura ocidental mesmo quando, sobretudo no que respeita à contemporaneidade, a imagem do Desperto e do Dharma foi demasiado distorcida por uma leitura niilista que mais parece espelhar as angústias e o fundo do espírito ocidental¹ do que a Via do Meio búdica, equidistante dos extremos eternalista/essencialista e niilista.

Porém, mais do que isso, e como seria de esperar numa cultura que estabeleceu relações precoces e privilegiadas com as culturas orientais, parece verificar-se que os missionários portugueses deixaram textos pioneiros sobre as culturas budistas, nomeadamente japonesa (veja-se o estudo de Ricardo Ventura) e tibetana (vejam-se as cartas de António de Andrade²), que só não são reconhecidos pelos historiadores e pela budologia internacional (que frequentemente apenas citam textos um século posteriores) devido à escassa visibilidade da cultura nacional e ao facto de textos fundamentais, de interesse nacional e internacional, permanecerem ignorados e esquecidos nas bibliotecas e nos arquivos. Esta constatação, em conjunto com o facto paradoxal de ser num país como Portugal, a quem pertenceu a iniciativa do descentramento histórico para o Oriente e o mundo, que os estudos das línguas e culturas orientais se encontram mais embrionários, levanta outra questão: a do esquecimento mas também do preconceito, outrora religioso e hoje também académico, mas jamais científico, que faz com que os temas orientais continuem a ser ostracizados e excluídos de boa parte das licenciaturas e pós-graduações nas áreas de Humanidades, onde teriam o seu lugar natural. Facto tanto mais absurdo quanto nos impede de aceder à compreensão de um dos aspectos mais singulares da nossa cultura – o seu impulso para o Oriente – e contrasta tão notoriamente, quer com a cultura europeia e ocidental na qual fazemos questão de nos reconhecer – onde os Estudos Orientais especializados florescem desde há muito –, quer com o crescente interesse de largas camadas da população nacional, a exemplo do que se passa em todo o Ocidente.

Esperamos que este volume possa em breve vir a ser continuado e seja um primeiro passo no sentido de um levantamento e estudo, tão científicos e sistemáticos quanto possível, da presença do Budismo e de outras tradições orientais – sapienciais, filosóficas e religiosas – na nossa cultura. Cremos que isso mostrará o universalismo que para a cultura portuguesa reclamam intérpretes como Jaime Cortesão, Fernando Pessoa e Agostinho da Silva, entre outros, mas também o claro-escuro e as ambiguidades dessa nossa idealizada vocação para o diálogo inter-cultural, onde a maior abertura à alteridade convive lado a lado com o preconceito religioso e cultural mais grosseiro que impede a isenção científica, o descentramento e a hermenêutica fusão de horizontes. Em qualquer dos casos, é nossa convicção que o prosseguimento destes estudos evidenciará a necessidade de rever muita da historiografia oficial da nossa cultura e do nosso pensamento, à luz do seu diálogo explícito ou implícito com outras tradições e nomeadamente com as terras do sol nascente.

¹ Cf. Roger-Pol Droit, *Le culte du néant. Les philosophes et le Bouddha*, nova edição aumentada com um prefácio, Seuil, 2004.

² *Os portugueses no Tibete. Os primeiros relatos dos jesuítas (1624-1625)*, estudo histórico de Hugues Didier, coordenação e fixação dos textos da edição portuguesa por Paulo Lopes Matos, tradução de Lourdes Júdice, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000. Sobre a questão, cf. António Teixeira, "O Descobrimento Português do Tibete no séc. XVII", in Dalai Lama, *Sabedoria para Viver*, organização e compilação de Paulo Borges e Rui Lopo, tradução de Rui Lopo e Patrícia Costa Dias, Lisboa, Ésquilo, 2007, pp.163-181.



INTRODUÇÃO

Cremos que daí resultará o reconhecimento de que as culturas e religiões não são entidades existentes em si e por si, dotadas de essências próprias e separadas por fronteiras estanques³ – tal como tudo na realidade e, no que respeita a culturas, porventura a portuguesa ainda menos que outras –, bem como de que o chamado Budismo não é tão exótico e exógeno à cultura portuguesa como alguns pensarão (o que não aconteceria se se aprofundasse a sua compreensão e se visse que, enquanto manifestação de uma possibilidade da experiência humana – a de ver e sentir a realidade não conceptualmente e de compassivamente agir em função disso –, o Budismo não é sequer oriental, como o Cristianismo não é ocidental, sendo ambos, tal como todas as tradições espirituais, irredutíveis às culturas onde predominante e historicamente se desenvolvem).

Resta-nos fazer sinceros votos de que, a par do enriquecimento científico daqui proveniente, esta iniciativa possa contribuir para uma outra globalização, a da cultura de sabedoria, compaixão e paz, interior e exterior, de que o mundo urgentemente carece.

³Cf. Raimon Pannikar, *O diálogo indispensável. Paz entre as religiões*, prefácio de Paulo Borges, prólogos de Enrique Miret Magdalena e Pierre-François de Béthune, O. S. B., tradução de Andreia Peixoto, Corroios, Zéfiro, 2007, pp.39-40.

